

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA AO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO: AS CONTRIBUIÇÕES DE THEODORO SAMPAIO AO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Sandra Freitas Santos ¹

RESUMO

O período histórico vem suscitando a necessidade de repensar o movimento da história dominante. No ambiente acadêmico, esse movimento não poderia estar distante, logo, estende-se a todos os ramos do saber. Na Ciência Geográfica, esse movimento vem crescendo e possibilitando revisitar autores e obras que antecedem a institucionalização deste saber nas universidades brasileiras. Sendo assim, este artigo buscou contribuir, de modo inicial, com as reflexões sobre Theodoro Sampaio e o contexto histórico que viveu, pois acreditamos que através do resgate dos seus registros é possível aproximar-se da construção do percurso da história da Geografia nacional, uma vez que poucos trabalhos se debruçam sobre esta temática.

Palavras-chave: História da Geografia, Theodoro Sampaio, Ciência.

RESUMEN

La época histórica ha suscitado la necesidad de replantearse el movimiento de la historia dominante. En el ámbito académico, este movimiento no podría estar más alejado, por lo que se extiende a todas las ramas del saber. En la Ciencia Geográfica, este movimiento viene creciendo y posibilitando revisitar autores y obras anteriores a la institucionalización de este saber en las universidades brasileñas. Como tal, este artículo buscó hacer una contribución inicial a las reflexiones sobre Theodoro Sampaio y el contexto histórico en que vivió, pues creemos que al recuperar sus registros es posible aproximarse a la construcción de la historia de la geografía nacional, dado que pocos estudios se han centrado en esta cuestión.

Palabras clave: Historia de la Geografía, Theodoro Sampaio, Ciencia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva de uma pesquisa em nível de doutorado que buscou no Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE, 2023) socializar, aprender e refletir sobre a proposta levantada com os mais variados professores-pesquisadores do Brasil. Como uma forma de melhor adentrar ao contexto da sociedade brasileira oitocentista, que em meados do século XIX vivenciou a valorização significativa, por parte de Dom Pedro II, da

¹ Pós-graduanda do Curso de Geografia da Universidade da Estadual de Campinas – UNICAMP, bolsista CNPQ, sandra.estroges@gmail.com;

ciência no país. Neste contexto, a correlação: ciência, sociedade e geografia, torna-se o caminho para acessar a historiografia do pensamento geográfico brasileiro e estudar a obra de Theodoro Fernandes Sampaio (1855 – 1937), esse importante intelectual negro, baiano e engenheiro-geógrafo, que dentro do debate geográfico contemporâneo é pouco conhecido.

Como já destacado em outros trabalhos, as produções científicas de Theodoro Sampaio são amplamente debatidas no âmbito da história, geologia e antropologia; artigos, dissertações, teses e livros são encontrados e dão suporte as interpretações geográficas, por exemplo, os livros: “Theodoro Sampaio: nos sertões nas cidades” de Ademir Pereira dos Santos (2010) e o “O ideário urbano paulista na virada do século: o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)”, de Luiz Augusto Maia Costa (2003) são referências que destacam-se sobre a trajetória e período vivido pelo autor.

No âmbito da ciência geográfica, a divulgação, exploração e reconhecimento do seu trabalho vem sendo realizado, de modo, pioneiro, pelos geógrafos Souza e Vaz (2019) através da organização do livro “A Geografia no alvorecer da república: contribuições à história da Ciência Geográfica no Brasil” e por nós com a realização do doutoramento. Nesta perspectiva, entende-se que através do estudo desta temática foi possível pôr em relevo debates que precisavam soerguer para modelar a historiografia da geografia nacional, tendo em vista, que a narrativa posta, centralizou, por muito tempo, a elaboração de estudos a partir da institucionalização universitária em 1934. Essa escolha acarretou o desconhecimento de intelectuais e de suas obras produzidas anteriormente a este período histórico.

Os ditos antecessores realizaram estudos geográficos de cunho científicos e que não estão presentes nas ementas das disciplinas dos cursos de geografia brasileiros, tão pouco, nas disciplinas de História do Pensamento Geográfico (HPG). A questão racial, a baixa representatividade de estudos geográficos femininos, a perspectiva decolonial, uma vez que, as literaturas estudadas nas ementas das disciplinas são fortemente europeias e estadunidenses, enfim, são reflexões que precisam ser mais bem debatidas nos estudos geográficos da contemporaneidade.

Nesta perspectiva, retornamos aos meados do século XIX, especificamente, em 1879, para entendermos a fase inicial da carreira profissional de Theodoro Sampaio. Os estudos realizados sobre o Porto de Santos (1878) e posteriormente, sobre a Bacia do Rio São Francisco (1879) e dos sertões da Chapada Diamantina (1879-1880) marcaram a primeira fase deste intelectual negro, que pôde através destas experiencias fazer parte de uma importante rede geocientífica que se destacou no Segundo Reinado.

A expedição realizada pela Comissão Hidráulica do Império, sob supervisão do geólogo norte-americano Willian Milnor Robert (1810-1881) revelou a vocação geográfica de Theodoro Sampaio a partir da sua capacidade de refletir sobre a relação homem e meio e construir estudos sobre o relevo, o qual, destacaram-se o reconhecimento morfoestrutural das feições que margeavam o curso do rio São Francisco. Essa interpretação marca a influência dos conhecimentos geológicos na sua formação e da convivência com a rede de especialistas que o acompanhou na expedição científica.

Neste contexto, o artigo desenvolvido tem por objetivo: compreender o cenário científico, cultural, político e econômico do Brasil na segunda metade do século XIX; refletir sobre a atuação da expedição científica ao Vale do Rio São Francisco enquanto projeto modernizador para a província da Bahia e entender a contribuição de Theodoro Sampaio para a geografia nacional, a partir de suas atividades científicas. Para alcançar tais objetivos optou-se por aproximar-se do cenário vivido pelo autor, o qual dialoga com os processos modernizantes de um país em transição da monarquia para república.

Neste contexto, é importante ressaltar o papel da ciência no período oitocentista valorizada por Dom Pedro II e que acarretou o investimento nas expedições científicas. Além, do acesso aos arquivos de Theodoro Sampaio localizados no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) para a realização da análise documental, que consistiu na leitura dos diários, livros e dos desenhos que retratam o compromisso e expressam a vocação à ciência geográfica. Theodoro Sampaio foi um importante homem da ciência, certamente, foi um dos maiores geógrafos do seu tempo.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica desta pesquisa está apoiada no conceito de história desenvolvido por Walter Benjamin (1892-1940), o qual defende uma história aberta, passiva de contestação. Pois, é entendido que ao construir uma narrativa seleciona-se abordagens, fatos e personagens que são perpetuados no tempo longo, geralmente, essa escolha valoriza os interesses da elite, a qual, no século XIX constituía-se de cafeicultores, comerciantes, intelectuais e políticos, isto é, daqueles que ocupavam os espaços de decisão (SCHWARCZ, 1993;1998). A história dos oprimidos aparece como um relampejo, que, de tempos em tempos, manifesta-se e desestabiliza a história do vencedor (LOWY, 2005).

O esforço de desvelar a história da geografia a partir do ato de escavar, de apurar, de envolver-se com o passado, mesmo sabendo que não podemos revisitá-lo em sua plenitude, mas sim acessá-lo através de relampejos, de documentos, fotos, arquivos, isto é, vestígios que

aproximam o investigador do seu objeto de estudo, o que possibilita dar vozes aos esquecidos, aos oprimidos, os quais, de certa forma, possuem sua história e trajetória ameaçadas.

A interpretação dos dados conquistados, a partir da visita ao arquivo de Theodoro Sampaio, localizado no IGHB, na capital baiana (Salvador), possibilitou o acesso as imagens, relatos do diário de campo, os quais, estão autorizados pela instituição para serem utilizados no desenvolvimento da tese e nos trabalhos correlacionados com esta atividade científica. Sendo assim, acreditamos ter a permissão para utilizar as informações cedidas para a elaboração deste artigo. Para a confecção do mapa “Roteiro de viagem de Theodoro Sampaio pelo Rio São Francisco, da foz a nascente”, utilizou-se da plataforma de Sistemas de Informações Geográficas -ArcGis, para a sistematização do trajeto de viagem realizada pelo autor estudado.

Sendo assim, os procedimentos metodológicos que consistem na estruturação deste trabalho são: 1. A construção do estado da arte; 2. O levantamento dos dados coletados no IGHB; 3. Sistematização e análise dos dados; 4. Confecção do texto final.

REFERENCIAL TEÓRICO

As relações entre colônia e metrópole mudaram com a chegada da corte portuguesa no Brasil, em 1808. As atividades desempenhadas, até então, estavam voltadas para suprir as necessidades de Portugal, país que parasitou, de todas as formas, as riquezas materiais, humanas e simbólicas que hibridamente constituíram o Ser brasileiro, e, precariamente, investiu nas capitâneas aqui instauradas. De acordo com Viotti da Costa (2010), a presença da monarquia no território nacional favoreceu a sociedade aristocrática brasileira, que ao negociar com os poderes aqui instaurados (monarquia e clero) estabeleceu novos rumos para a civilização luso-brasileira. Rumos esses pensados para atender “os gostos” destas castas que investiram, fortemente, na centralização dos seus poderes e de suas necessidades.

Com a ampliação das relações comerciais após o rompimento do monopólio colonial impulsionou-se a abertura dos portos e o investimento na melhoria da infraestrutura interna como projeto modernista brasileiro. Sendo assim, as construções de ferrovias, o crescimento do mercado interno, o incentivo a imigração, o incipiente investimento em industrialização e a abolição da escravatura (VIOTTI DA COSTA, 2010) foram condicionantes que marcaram a fase monárquica no Brasil.

A questão da escravização, em especial, foi um dos fortes embates deste período, sobretudo, na gestão de Dom Pedro II, cujas revoltas populares associadas a pressão externa, vindo da Inglaterra, destabilizaram o poder do monarquia que detendo de um governo moderador apresentou dificuldades para convencer a elite brasileira de romper com essa

estrutura de serviço/trabalho criminosa, perversa e desumana, de consequência incalculável para humanidade, e, obviamente, para a população preta/parda (SCHWARCZ, 1993; 1998).

A contradição entre modernidade e a escravização permeou toda essa fase do Brasil em transição para a república. Os grandes núcleos urbanos do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém receberam os principais investimentos modernizantes da época, justamente, por sediarem os principais portos exportadores do país, com exceção de São Paulo, que tinha na cidade de Santos, o caminho para o escoamento da produção de café (VIOTTI DA COSTA). A escravização da mão-de-obra negra, nesta conjuntura, foi fortemente envolta por um imaginário de cordialidade, que amorteceu a brutalidade desta atividade.

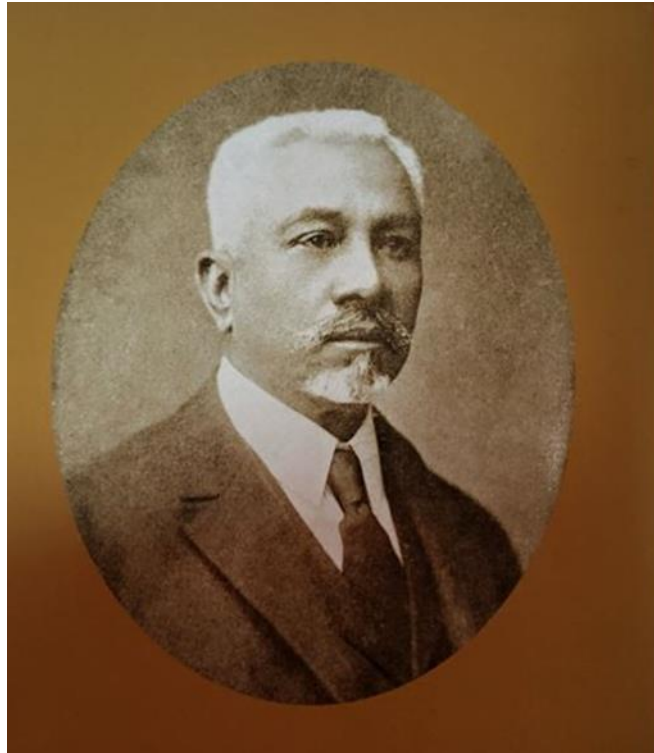
As instituições de ensino e pesquisa no Brasil foram importantes instrumentos de disseminação destas e de outras ideologias. No livro da historiadora Lilia Moritz Schwarcz (1993), encontram-se reflexões sobre o modo como a ciência brasileira do século XIX contribuiu para que uma visão positivista, determinista e evolucionista que adentra-se a sociedade brasileira e contribui para a condução de um projeto civilizatório que fosse distinto de outras nações que viveram a escravização, como nos Estados Unidos, onde a segregação socio-racial foi, incontestavelmente, mais explícita, do que no Brasil.

O embranquecimento da população negra tornou-se um projeto sutil que invisibiliza o fenótipo da população negra e a sua herança cultural. A miscigenação entre raças passa a ser incentivada e a ideia de uma democracia racial passa a ser imperante, o que reforça o interesse da elite em não alterar suas estruturas racistas para garantir os direitos as minorias. Portanto, os negros continuam tendo dificuldades de inserir-se nos espaços de decisão do país, tornando-se mais sujeitos às políticas de apadrinhamento, cujo interesse político favorece os privilégios dos brancos.

Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937) enquanto, homem negro, mestiço, baiano de Santo Amaro, como visto na **figura I**, soube dialogar com os brancos para conseguir acessar e se tornar um “homem das ciências”. Filho de Dona Domingas, escravizada pela família Costa Pinto, esta que foi uma influente família produtora de açúcar do Recôncavo baiano.



Figura I – Engenheiro-geógrafo Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937)



Fonte: SANTOS, Ademir Pereira dos. Theodoro Sampaio: nos sertões e as cidades, Rio de Janeiro, 2010, p.31.

O elo com esta família, direta ou indiretamente, possibilitou que o seu destino fosse diferente dos seus demais familiares. A incerteza sobre a paternidade de Theodoro Sampaio, apesar da tutela dada ao Padre Manoel Sampaio, não impediu que a relação de confiança e gratidão fosse externada pelo intelectual mesmo após sua saída do Recôncavo. A saída de Santo Amaro aos 10 anos de idade para estudar no Rio Janeiro e lá permanecer até concluir os estudos em engenheiro-geógrafo, pela escola Politécnica evidencia o interesse de seu financiador de proporcionar uma nova perspectiva, pois é sabido que as estruturas racistas da sociedade brasileira condicionam aos homens de cor, sobretudo, nos meados do século XIX, atividades laborais de subordinação.

Desse modo, para o homem que “bebeu o leite escravo, na escravidão do peito materno” (CAMPOS, 1983, p.148) e conseguiu tornar-se referência na ciência e na produção dos estudos geográficos antes da institucionalização desta ciência no Brasil, mostra que sua vocação geográfica possibilitou ler um país carente de se reconhecer enquanto totalidade. Ainda segundo Campos (1983):

“Theodoro Sampaio é, sabem-nos todos, o mais alto representante da raça negra no Brasil. Nessa galeria enorme de figuras admiráveis que enriqueceram o patrimônio humano da nacionalidade; nessa fileira de vultos históricos, que sobe o fundo dos séculos e em que se vêem Henrique Dias, Luís Gama, os dois Rebouças, Patrocínio,

Silvério Pimenta, Cruz e Sousa, Juliano Moreira, - eu não sei um poeta ou político, tribuno ou soldado, sacerdote ou cientista homem de ação, que exceda em saber e em caráter, em talento e dignidade, este grande varão contemporâneo, que foi bater, neste momento, às portas da Academia de Letras. (CAMPOS, 1983, p.147-148).

A aproximação de Theodoro Sampaio com a Geografia deu-se enquanto ainda estava cursando a Escola Politécnica no Rio Janeiro, especificamente no quarto ano. Enquanto trabalhava no Museu Nacional conheceu o estadunidense, geólogo, humanista, Orville Adalbert Derby (1851-1915), que chega ao Brasil a convite do seu professor Charles Frederick Hartt (1840-1878) para atuar como auxiliar e membro das Expedições Morgan que iniciou por volta de 1870/1871(COSTA, 2013).

Após o seu doutoramento em 1874, na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, Derby retorna para o Brasil e conseqüentemente envolve-se em importantes atividades que visam modernizar o país, por exemplo: Comissão Hidráulica do Império e a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (COSTA, 2013).

A relação de Derby e Sampaio intitulou-se de intensa amizade, compreendendo que o papel do mestre e amigo foi crucial, para a formação do engenheiro, sobretudo por torná-lo um "homem das Ciências". A afinidade entre Theodoro Sampaio e Orville Derby abrange mais do que uma relação profissional e de amizade, ela representa uma nova fase, ou um novo paradigma, para os estudos científicos voltados às ciências da terra, haja visto, que no Brasil as pesquisas na área de geologia já estavam mais estabelecidas (VITTE, 2009; AB'SABER, 1958).

Sendo assim, o encontro com o pensamento geográfico no século XIX deu-se por conta do alinhamento que as duas ciências tiveram que responder, uma vez que, as políticas de progresso e modernização aplicadas ao período e ao desenvolvimento dos estudos geográficos-geomorfológicos aconteceram envoltos das fases evolutivas da geologia no Brasil (AB'SABER, 1958).

A aproximação com pesquisadores geólogos, sobretudo, estadunidenses, propiciou, não somente, a exploração da natureza brasileira para fins: científicos, econômicos e políticos, mas estabeleceu redes relevantes para a formação de profissionais nacionais que debruçaram-se e produziram materiais que serviriam de referência, inclusive para os seus tutores, haja visto que muito dos materiais produzidos eram de cunho regional, o que facilitou a apropriação e leitura do país como um todo, sendo esse, um dos interesses do imperador. Outro resultado positivo desse intercâmbio foi o acesso às literaturas que dialogavam com a temática, como as recentes produções da época, em especial, dentro da relação homem e meio elaborada por Friedrich Ratzel (1844-1904).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de implementar hidrovias e ferrovias no interior da Bahia, Theodoro Sampaio embarca na Comissão Hidráulica do Império (1879-1880). Essa experiência insere o intelectual na atividade científica, a qual desenvolve-se em conformidade com a prática de engenheiro-geógrafo. Dessa forma, a expedição parte do Rio de Janeiro, capital do Império e segue em direção a foz do rio São Francisco, localizada no Estado de Alagoas. O roteiro de viagem, como mostra na **figura II**, deixa claro o percurso feito pela expedição científica até a região próxima das nascentes do rio em Minas Gerais.

Figura II– Engenheiro-geógrafo Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937)



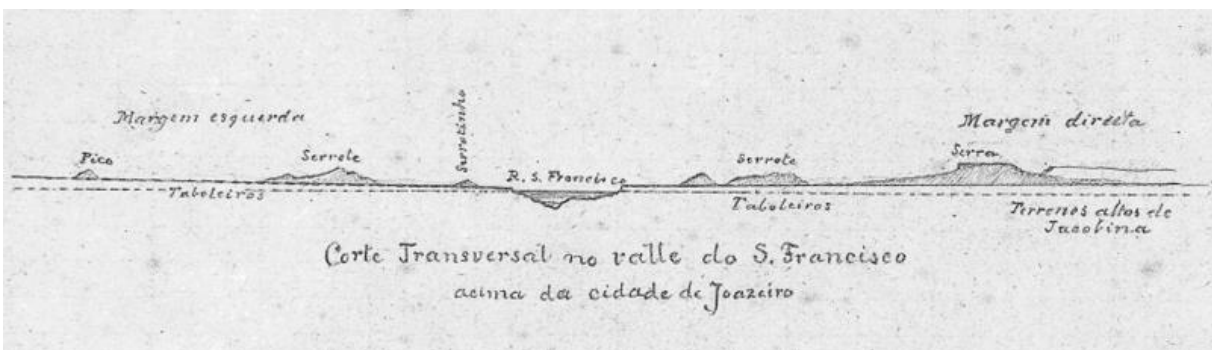
O tamanho deste grandioso trabalho não será explorado em sua totalidade neste artigo, por isso, escolheu-se evidenciar o vale do Rio São Francisco, Bahia, enquanto compartimento capaz de representar o modelo de abordagem construído por Theodoro Sampaio durante o

desenvolvimento da pesquisa e que expressa a sua vocação geográfica. Santos (2010) ressalta a complexidade ambiental apreendida pelo pesquisador, em meio, a toda esta extensão.

Sendo assim, buscou-se abordar o Vale do Rio São Francisco (**figura III**), com ênfase na cidade de “Joazeiro”, por ser desde o século XVII, um importante polo de desenvolvimento do sertão baiano, inclusive, considerado pelo autor como um importante “emporio do Sertão do São Francisco” (SAMPAIO, 1905 p.36). Destacando-se pelas atividades econômicas desempenhadas na região e pelo nível de urbanização apresentado, além de ser um importante elo de ligação com Pernambuco, com o sertões do Piauí e o Goiás.

Essa eelevância é explicada também por ser o ponto final da via férrea e da estrada de chão que liga a capital (Salvador) ao interior e por destacar o sistema de drenagem do rio São Francisco como instrumento de conexão com as outras cidades e regiões, como exemplificado no capítulo que trata da cidade de Barra, onde localiza-se o rio Grande relevante afluente capaz de ligar o vale do São Francisco à região da Chapada Diamantina, Bahia.

Figura III – Corte transversal no Vale do rio São Francisco elaborado por Theodoro Sampaio, 1879.



Fonte: Este material faz parte do acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Desenho realçado através do programa PICASA por Sandra Freitas Santos, 2023.

Portanto, na figura acima é possível visualizar a análise topográfica realizada por Theodoro Sampaio, ressaltando as principais feições e compartimentos geomorfológicos da região do vale do rio São Francisco. As potencialidades hídricas, geológicas e culturais da região são descritas de modo valorativo.

Na **figura IV** é possível ver a descrição feita pelo intelectual de um sertanejo, este que migra montado a cavalo/mula para comercializar o gado do sertão no litoral. A descrição da relação homem e meio mostra também a intencionalidade do autor de apresentar a geografia do sertão baiano, isto é, do interior ao litoral. Tendo em vista, o relativo desconhecimento deste ambiente pelo império.

Figura IV – Sertanejo nas margens do rio São Francisco, desenho elaborado por Theodoro Sampaio, 1879.



Fonte: Acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Desenho realçado através do programa Picasa por Sandra Freitas Santos, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Theodoro Sampaio foi um importante intelectual negro e que soube expressar o seu olhar geográfico em seus trabalhos. O entendimento da superfície terrestre enquanto palco das relações humanas talvez seja o impulso pelo interesse pela descrição do relevo. Essa atividade feita com muito cuidado e conhecimento. Desse modo, muito ainda tem-se para explorar nos trabalhos e documentos existentes do autor e de seu contexto histórico. Acreditamos que através deste pequeno artigo conseguimos compartilhar a pesquisa que vem se amadurecendo no decorrer do caminhar pela vida e obra dos antecessores. Voltar ao passado permite recontar a história da ciência geográfica nacional.

REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, Aziz. "A geomorfologia no Brasil, artigo, 1958" em A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber organizado por May Christiane Modenesi-Gautieri, Andrea Bartorelli, Virginio Mantesso-Neto, Celso Dal Ré Carneiro, Matias B. de Andrade Lima Lisboa. Editora: Beca-BALL, 2010.
- Campos, Humberto. Sombras que sofrem (crônicas). Editora: Opus. São Paulo, 1983.
- Sousa, André Nunes de, Vaz, Caroline Bulhões Nunes. A Geografia no alvorecer da república: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Editora EDUFBA, Bahia, 2019.
- Ratzel, Friedrich. "O solo, A Sociedade e O Estado". Traduzido de "Le Sol, La Societé et l'État" – L'Année Sociologique (1898-1899) 3º: 1-14, Paris por Mario Antonio Enfrásio, 1982.
- SANTIAGO, João Phelipe. Espaço Geográfico e Geografia do Estado em Friedrich Ratze.. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, Bahia, 2013.
- Santos, Ademir Pereira dos. Theodoro Sampaio: nos sertões e nas cidades. Rio de Janeiro, 2010.
- Sampaio, Theodoro Fernandes. Desenhos e descrições. nº3; Exploração ao Rio São Francisco. Livro (137A), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1879.
- Sampaio, Theodoro Fernandes. O Rio de São Francisco e a Chapada Diamantina 1879-1880. Escolas Profissionaes Salesianos. São Paulo, 1905.
- Scharcz, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Schwarz, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Vitte, Antonio Carlos. Teorias do método científico e Geografia: um ensaio a partir da noção de paradigma de Thomas Kuhn. Livro: Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Organizadores: Francisco Mendonça, Cicilian Luiza Lowen Sahr e Marcia da Silva. Curitiba: ADEMADAN, 2009.
- Viotti da Costa, Emília. Da monarquia à República. Editora Unesp, São Paulo, 2010.